



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **A VISÃO SOBRE A DOENÇA OU O DOENTE? AUTOPERCEPÇÃO, LAÇOS SOCIAIS E IMAGINÁRIOS SOBRE A EXISTÊNCIA BIOLÓGICA.**

Ilane S. S. B. Silva

Universidade Federal da Bahia

ilanesilva@yahoo.com.br

### **Introdução**

O enfoque deste artigo é a imagem como objeto de compreensão da percepção da doença, e como ela altera o conhecimento sobre o corpo ao decorrer do tempo, e como estas mudanças se manifestam nas relações com o outro. Norbert Elias(1994) evidencia que os indivíduos se transformam ao transcorrer de suas interações, mas os adultos possuem estruturas da consciência de modo mais fixo, assim como suas pulsões são contidas. Deste modo, faz-se mister, para compreender melhor a relação entre sociedade e indivíduo, a observação do desenvolvimento da criança até chegar ao estágio adulto. Para isto, uma análise sobre duas bases desta perspectiva pode se complementar. A primeira, é feita a partir do estudo de Pedro Pereira(2004), que realizou uma pesquisa com pessoas portadoras do vírus da AIDS em Brasília, moradoras de um abrigo que não teria a característica de uma instituição disciplinar<sup>1</sup> nem total<sup>2</sup>, mas também não se aparentava como uma comunidade, cuja constituição do grupo possuiriam relações interpessoais, afeto e proximidade. A segunda, mais especificamente o foco deste artigo, relaciona-se a uma pesquisa realizada por mim, cujo evento aqui abordado aconteceu durante o trabalho de campo em uma instituição de abrigo a crianças com câncer, que, assim como Pereira identificou, o dia-a-dia se

---

<sup>1</sup> A instituição disciplinar, no sentido atribuído por Foucault, tem o intuito de vigiar, adestrar e controlar os indivíduos.

<sup>2</sup> Para Goffman, a instituição total se caracteriza por ser um local isolado do resto da sociedade e formado por um grupo social específico, adotando normas e trabalhos no seu interior que abrangem as diversas esferas da vida.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

caracterizava por um misto entre informalidade e normas, ao qual denominei de “cotidiano institucionalizado”. Guardando as devidas proporções sobre as doenças e a carga moral que a AIDS exerce sobre um adulto em condição de vulnerabilidade social, diferentemente de um câncer que incide sobre uma criança, muitas vezes sendo relatada como alegre lutadora e estóica (DIXON-WOODS, 2003), tratarei destas duas doenças como modo de comparar a visão adulta e infantil sobre como a autopercepção pode ser alterada, assim como as relações pessoais, devido à modificação da imagem de si, proporcionada pela concepção de doença encarnada no indivíduo e a transformação biológica, ao decorrer do tempo.

### **Doença, imagem corporal e laços sociais**

O comportamento de uma criança me chamou a atenção durante uma das visitas a campo a uma casa de apoio a crianças e adolescentes com câncer. Este local abriga, na capital baiana, enfermos do interior, em sua maioria vindos de região rural, que permanecem com seus acompanhantes por meses ininterruptos, para o tratamento desta doença, e recorrem ao abrigo durante anos. Muitas outras crianças, devido à condição especial de estar longe de casa e com apenas um membro de sua família, apresentavam um comportamento de acolhimento para com os visitantes, doadores e voluntários desta casa. A proximidade se torna mais fácil entre as crianças até em torno dos sete, oito anos. Contudo, um menino de dez anos apresentava uma reação diferenciada ante os desconhecidos. Toda vez que chegava alguém para visitá-las, ele abraçava a pessoa e requisitava uma atenção diferenciada dos outros meninos, mesmo os menores. A criança demonstrava um apego por desconhecidos, mas isto não se tratava apenas de requisição de atenção. Era notória a diferença entre ele e outras crianças as quais teve contato. Tinha uma necessidade de abraçar as pessoas que chegavam, uma por uma. O contato físico, então, era o que se fazia mais enfático neste caso. Para Norbert Elias(1994), apesar de os indivíduos desenvolverem ao longo do tempo relações curtas e instáveis, a necessidade de afeição ainda é uma característica do ser humano. Mas a diferença principal em relação à doença deste menino é que ela se alastrava pela pele inteira. Manchas e feridas por toda a extensão do corpo pareciam provocar o medo da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

estigmatização. Pedro Pereira(2004), em seu estudo, notou que seu entrevistado portador do vírus HIV prestava atenção se ele sentaria na cadeira de sua casa e se beberia o café no seu copo. A representação dos indivíduos é carregada ainda das noções da sociedade sobre a imagem do doente, assim como Goffman(1975) evidenciou, a pessoa estigmatizada é enquadrada em categorias, a depender do quanto o estigma pode ser notado e o quanto este é enfatizado pelos outros. Mas o que se notava era que, para a criança, ao contrário do adulto, havia a tentativa de negar não a aversão à doença, mas a rejeição que ela poderia provocar. Diferentemente dos casos narrados por Pereira, a influência moral não se fazia marcante, mas a criança buscava refazer, de algum modo, os laços de sociabilidade quebrados por outras pessoas anteriormente. Por isso, as formas de lidar com o aspecto visível de sua doença, tal qual a criança formulou, possuem características próprias, devido à necessidade de socialização e do desenvolvimento em contato com os outros.

Para Norbert Elias(1994), a socialização e adaptação social são necessárias para que a criança se conforme fisicamente como adulta. Deste modo, pode-se pensar como Lévy(2003) concebe as idéias a partir do momento em que elas incidem sobre a natureza ou elemento sensível, modificando sua condição física ou biológica. A transformação do meio realizada pelo ser humano provoca conseqüências naturais, sociais e individuais. Assim, esta representação imagética do organismo corresponde de algum modo à constituição biológica e as possibilidades da ação corpórea e das operações cognitivas. Portanto, Damásio demonstra que a noção de “si mesmo” é uma junção da concepção das imagens recebidas, experimentadas e pensadas. A constituição de imagens dependeria tanto da dinâmica dos processos somáticos como do arcabouço físico do objeto exterior em “contato” com o corpo. Para Merleau-Ponty(1994), o corpo e a consciência estão em relação, e, neste sentido, o sujeito não apenas encarna um corpo e o possui como objeto, mas é através deste que se vive no mundo; ele, através da percepção, é expressão da consciência, que, por sua vez, está em contato intersubjetivo com os outros. Acentua Merleau-Ponty(2000) que o corpo se integra ao meio para agregar algo que lhe falta, para formar um “circuito”, um modo de entender o corpo em contato com o meio e interagindo com ele, o que significa que há uma abertura do corpo a outros. O “esquema corporal” humano, portanto, implica um sujeito que percebe e que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

se move, vê e toca, assim como o podem ver e tocar, agindo de modo reflexivo na sua mensuração e interação com o mundo.

A criança passa a perceber, aos poucos, a amplitude de manifestações que uma enfermidade pode gerar. São facetas até então não identificadas a respeito do que é vivido, que são incorporadas a partir das experiências que ocorrem em um meio no qual estão em conjunto. O que se apreende com o outro é aquilo que não constitui sua vivência pessoal - contudo, poderia ter o sido - para, então, levar em conta no *vir-a-ser* da própria experiência. É a partir daí que constroem novos conceitos sobre o próprio sujeito; entretanto, isto não ocorre apenas no sentido de alargar a percepção de si mesmo, mas de acrescentar a concepção de contato, e, portanto, da percepção de um indivíduo para com o outro.

Compreender a doença pelo aspecto visível implica não apenas em tomá-la como uma conceitualização superficial da qualidade do indivíduo e sua identidade; considerar o aspecto visível da doença é muito mais do que fazê-la exposta em seu significado de moléstia, mas também é agregar valor à qualidade de sensibilidade e de interação que esta parte exterior do corpo promove ao indivíduo. Aquilo que evitaria o toque seria, além do pensamento da transmissibilidade, uma negação da capacidade sensória do indivíduo, pela qual expressa suas emoções.

Mesmo compreendendo que a matéria biológica é primordial para a vida, o indivíduo muitas vezes nega a unidade física, não só no todo, mas em suas partes, a depender do que lhe aflige. Apesar de serem doenças diferentes e situações e modos de vida díspares, a moléstia pode não ser o alvo da rejeição, mas alguma parte do corpo que faz referência a ela, assim como, pode se observar que o doente muitas vezes observa no outro esta rejeição da expressão da moléstia. Acontece, portanto, uma relação de conflito não só entre a doença e o corpo, como também entre o meio onde se vive, no qual ocorrem as relações interpessoais. Isto porque, a rejeição do mal, na medida em que ele é associado à própria matéria orgânica e quando esta é instrumento de contato com o meio exterior, a pele, implica, também, a negação, para o indivíduo doente, de si mesmo e deste contato social. A carga moral já não é, neste caso, o enfoque da questão. Subjetivamente, não é a matéria estéril, exterior ao indivíduo, e sem relação direta com este, que causa esta comparação, mas sim toda aquela que mantém



uma relação consubstancial com o indivíduo. O copo e a cadeira da casa dos entrevistados de Pedro Pereira mantêm esta relação com o indivíduo morador.

Em tradições ameríndias, como a dos Wari' (VILAÇA, 2000), a consubstancialidade e identidade com 'o outro' depende da proximidade, mais especificamente, do compartilhamento da comida, bebida, dos líquidos corpóreos e roupas ou adereços, ou seja, do modo pelo qual cada indivíduo se constitui corporalmente. Esta forma de encarar o mundo não se mostra tão diferente das sociedades ocidentais, pois, haja vista que, a apropriação de elementos que mantenham uma relação direta com a pessoa, também, de certo modo, é referida como uma proximidade com a pessoa em si. Este aspecto metonímico, e não metafórico, de contigüidade com a coisa que guarda relação com o indivíduo, pode fazer com que ações como beber no mesmo copo do outro sejam levadas a ser compreendidas como uma incorporação de uma parte do outro, que não necessariamente é associada à doença, mas, se a moléstia for pensada como indissociável do corpo, e este corpo, inseparável do sujeito, pode-se temer, como foi o caso do entrevistado de Pedro Pereira, que isto aconteça.

### **A imagem de si, o tempo de existência e as transformações**

A compreensão da doença pela visibilidade dada pelas tecnologias de diagnóstico ultrapassa o mero conceito formal da doença. Os resultados de exames indicam a configuração múltipla da atuação da doença manifestada fisiologicamente, como também a operacionalidade de interação sensível gerada ao indivíduo. E é a interioridade corporal, em primeira instância não visível, não captável, que proporciona a percepção sobre o contexto vivido. "A carne do corpo nos faz compreender a carne do mundo." (MERLEAU-PONTY. p.351)

Os enfermos da casa de apoio a criança com câncer e seus acompanhantes costumam tirar fotografias entre si, ao exibi-las, também compõem narrativas para os visitantes acerca de um passado próximo, assim como, rememoram uns aos outros. O que se apresenta diante desta prática é a manutenção de uma imagem que na vida já não mais existe, pois proporciona momentos nos quais conviveram com os enfermos que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

faleceram. A lembrança do outro a partir da imagem exprime uma permanência do relacionamento entre eles. Mas, por isto mesmo, a fotografia exerce a angústia sobre a dimensão temporal da vida. Bergson (*Apud* Prigogine, 1996) nos indaga que o tempo faz com que as coisas não sejam dadas de uma só vez, mas lançadas processualmente.

Ao pensar o tempo como a capacidade de movimento e mudança das coisas em determinado espaço, a percepção pelo sujeito, através da fotografia, da mudança ao decorrer do tempo ou da duração, implicaria, seguindo o pensamento de Prigogine, uma transformação irreversível sobre a matéria, o que levaria a impossibilidade de o tempo retroagir, pois, o que o caracterizaria seria a perfeita reorganização dos sistemas da mesma forma que antes de sua alteração, e isto não seria possível de ser feito em sua totalidade, seja em sentido macro ou micro.

Prigogine(1996), ao demonstrar as transformações das leis na física, aponta para a modificação dos nossos conceitos sobre a natureza. Diferentemente da energia, que é constante, a entropia se lança em sentido para o futuro, na medida em que ela ocorre devido a processos instáveis e irreversíveis, diferentemente das leis físicas que indicam um mesmo papel para o passado e para o futuro. Levando em consideração o não-determinismo, ao invés de leis, haveria eventos que se atualizariam, pois a matéria se encontra em movimento, independentemente do papel do observador. Assim, a noção de trajetória ganha um sentido novo, apesar de existir uma previsibilidade, a probabilidade tem papel mais importante ante as potencialidades da matéria. Passado e futuro, então, não seriam mais considerados como análogos e passíveis de conversão. Deste modo, as possibilidades seriam mais abrangentes. Por esta razão, as fotografias exercem a ilusão de suspensão do tempo, pois recordam os eventos que se perderam no tempo e não podem ser mais recuperados.

Ao conceber a idéia de seta no tempo e da entropia, o corpo biológico é novamente materializado. Sua condição material é retomada, assim como a concepção do tempo como degenerescente deste corpo. Para Prigogine, a flecha do tempo não pode ser concebida como apenas fenomenológica, pois nossa existência é produto destes processos de não-equilíbrio. De outro lado, existe o conceito de “duração” definido por Henri Bergson (*Apud* Landecker, 2007), transposto pelo biólogo Alexis Carrel através



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

da microcinematografia do cultivo de células em laboratório. Carrel queria materializar o tempo biológico, ao filmar o crescimento e reprodução de células *in vitro* e, ao visualizar, acelerar o filme para revelar a constante mudança da célula ao longo do tempo. Foi através da captura da dimensão do tempo, que foi possível entendê-lo como parte da própria constituição das células e tecidos, e o que se assistia era o "tempo fisiológico".

Diferentemente dos processos irreversíveis e instáveis da entropia, aos quais Ilya Prigogine designa a seta do tempo, para Carrel, Bergson teria deixado evidente como o passado persistiria no presente. Assim, o presente de um organismo vivo nunca passaria, porque permaneceria na memória e estaria inscrito nos tecidos. O corpo, então, seria obviamente composto pelo passado. Com a microcinematografia, Carrel pensou que, se era possível ver a duração, deveria ser possível, na medida em que assiste a sua velocidade, traçar a inscrição do tempo para os tecidos para descobrir o mecanismo pelo qual o corpo foi feito no passado - e depois de manipular sua duração, a ponto de suspendê-la por completo, ou seja, conseguir alcançar a "imortalidade". Do mesmo modo, a partir desta dupla perspectiva, as fotografias tiradas no decorrer do tratamento médico e as mudanças físicas apresentadas em cada etapa fazem com que haja uma "visualização" sobre o tempo de existência, pois a imagem formulada pelo acompanhante e a auto-imagem do enfermo acompanha a progressão da doença. Ao articular a idéia da narrativa entrelaçada ao aspecto temporal, Ricoeur(1991)levanta a questão do tempo para o ser humano como elemento fundamental para sua identidade. Contudo, com uma "imagem paralisada no tempo", proporcionada pelas fotografias, tentam guardar algo de imutável na caracterização do sujeito, pois seu "eu" não é alterado totalmente devido à transformação física e comportamental muitas vezes drástica. O ser humano se serve da imagem para diminuir a sua impossibilidade de conservar o mundo tal como ele se constitui em um determinado momento. Ao "paralisar o mundo", ao usar imagens, modelos, desenhos ou "conceitos prontos" sobre a doença, tenta sanar a angústia provocada pela incapacidade de ter o controle total sobre sua existência (BRETON, 2002). Assim, enquanto os enfermos gostam de fotos, evitam os espelhos, pois estes mostram o drama de suas condições emergentes.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Como argumenta James Gibson(1974), a percepção não deve ser entendida como uma atividade operacional mental, mas como a relação perceptual do organismo como um todo e o ambiente. A imagem não é apenas algo dado à captura e resposta de estímulos, mas o corpo percebe, o indivíduo vê de acordo com a forma como ele se articula com o meio. Assim, a percepção visual dependerá do modo pelo qual apreendemos as coisas no ambiente e mundo sócio-cultural no qual se está inserido. E, como acentua Pierre Lévy(1996, p.48), o virtual não necessariamente desvanece o material, tanto que, muitas vezes, gera materialidade. Cada função abstrata do corpo possui um aspecto subjetivo, mas a sua exteriorização e materialização tornam-no social. Tudo que pertencia ao interior do corpo, que não seria captável, é generalizado e tornado público. Mas, para as ferramentas técnicas exteriores produzirem efeito devem se voltar novamente para a interiorização, que fomentará uma intersubjetividade. Assim, a ausência do elemento que foi virtualizado não indicaria a negação da existência dele. Através de tecnologias imagéticas o corpo humano é “desterritorializado”(LÉVY, 1996). Esta “não-presença” o desprende de sua localidade esperada e de sua temporalidade exercida pelo corpo biológico. Assim, o virtual não é o oposto do real, nem o seu estado latente, mas sim uma forma de existir do atual. Como se a virtualidade exigisse a resolução de uma problemática, motivando a atualização.(p.5)

### **Algumas considerações**

Este trabalho se caracterizou por um exame acerca da experiência de uma doença, o câncer, por crianças e adolescentes. Objetivei elucidar, a partir da sociabilidade, como crianças com câncer constroem a imagem de si e a formação de laços. Foi levada em consideração uma Antropologia da Criança Cohn (2005), no sentido de considerar estes sujeitos não apenas como receptores da cultura, mas como seres ativos, entendendo que a relação entre as crianças como fundamental para a formação de subjetividade. Deste modo, teve-se como intento entender não como as crianças refletem o mundo, mas, quais são os sentidos por elas atribuídos a ele, visto que, os papéis sociais por elas exercidos são formados a partir de suas interações entre os adultos e outras crianças.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As imagens de visualização do corpo tal como ele é pensado e sentido como saudável é afetada diretamente pelo imaginário sobre o que é ou não patológico. Segundo Le Breton(2002), o enfermo encontra um dilema e ao identificar uma parte de si mesmo como componente degenerescente a partir do conhecimento médico. Isto porque, ao mesmo tempo em que necessita se reconhecer em seu diagnóstico, ele compreende que é além dos elementos anátomo-fisiológicos que o constituem.

Norbert Elias(1994) lembra que, a criança, para se desenvolver, necessita do contato com o adulto no meio social, para se adaptar e se formar como indivíduo durante a socialização e o adquirir da cultura. Deste modo, a criança enferma, ao entrar em contato com um meio social no qual a doença e tratamento médico é fator preponderante do cotidiano dos indivíduos a sua volta, percebe o mundo experienciado de forma peculiar, principalmente através da sociabilidade com outras crianças também doentes. As crianças desta casa de apoio realizavam comparações entre si para compreender a fisiologia da própria doença; elas desenvolvem suas próprias formas de interagir com os outros enfermos, o corpo doente e as interferências médicas.

Para evidenciar a importância do corpo do enfermo, que não está apenas biologicamente afetado, não se deve entender a doença como mera manifestação física, mas como um complexo que envolve a percepção do indivíduo, as privações do ser e a concepção da corporeidade e entendimento desta articulação sócio- psico-material que é a enfermidade. É através de apropriações sensoriais e das incorporações de outros elementos materiais exteriores a ele que o indivíduo se transforma como pessoa, na medida em que seu corpo se altera. O corpo dá a medida da sociabilidade e da comunicação com os elementos em determinado espaço e tempo, é o instrumento mediador para com o mundo.

As articulações existentes entre o corpo vivo e vivido indicam que o primeiro não é um mero objeto atribuído pela ciência contempladora da ordem fisiológica; assim como, o segundo vai além da subjetividade inconclusiva da percepção do desconhecido. Isto porque há uma mediação, um trânsito de conhecimento e percepções entre todo o funcionamento reticular de um corpo que não é só natural. Os remédios, o indivíduo doente, a equipe médica, familiares, e até os copos compartilhados e as feridas visíveis pelo corpo, todos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

geram efeitos dentro de um contexto próprio, integram-se no mundo e lidam com os conflitos de uma sociedade e cultura de uma determinada época. Uma rede como esta não poderia estar em suspensão, separada de seu tempo e do modo pelo qual cada indivíduo encara sua vida e seus processos corporais. A percepção do indivíduo no mundo se modifica na variação de cada elemento com o qual está em contato. A realização de exames e seus diagnósticos e o modo de lidar com estes depende de um complexo mais amplo, da ética à política, da sociedade ao indivíduo, da cultura à biologia, do discurso às traduções.

Faz-se notória a idéia do doente que se afasta das pessoas devido ao medo da estigmatização sobre a idéia do contágio. Isto porque, tanto a pele como qualquer elemento contíguo ao contato corporal poderia ser associada à própria doença, devido justamente a uma visão biomédica da moléstia. Pode até parecer contraditório identificar a ciência - que elucida a impossibilidade de contágio do câncer, assim como da AIDS por vias de contato não invasivas – como influenciadora do receio entre os doentes de um afastamento dos outros. Mas a ciência que esclarece é a mesma que levou a visão de que a moléstia e corpo estão justapostos. De outro lado, a sociedade ocidental não se assimila totalmente com o pensamento cartesiano da separação corpo e alma, e, portanto, as pessoas temem que a doença seja confundida com elas mesmas. Para Merleau-Ponty(FURLAN, 2000), o organismo não funcionaria tal qual descrito pela teoria do arco-reflexo, cujo estímulo determinado geraria reações previsíveis entre uma cadeia de órgãos ou tecidos. Ou seja, o ‘reflexo’ dependeria da forma particular pela qual o próprio organismo se mostra aberto ou não à recepção dos estímulos. Portanto, aquilo que é marca no corpo para a criança se torna a causa direta do possível afastamento dos outros. Ao passo que, no adulto, neste caso, o traço visível não se mostrou demarcador para o imaginário. Contudo, a visualização, de modo geral, interfere na concepção de si, seja no adulto ou na criança.

A medicina mapeia a moléstia no corpo humano e espacializa a doença. Contudo, a transformação do corpo em matéria moldável não acarretará, necessariamente, na dicotomia cartesiana corpo-mente, nem em uma total objetificação anatômica, pois o indivíduo como ser social está imerso em sua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

corporalidade. Este limiar no qual o indivíduo ousa se transformar fisicamente, expurgar um mal físico, ou negar um corpo que adocece e envelhece, não pode ser entendido apenas como uma manipulação do biológico, mas como atribuições culturais e experienciais na sociedade e época em que ele está inserido. E, simultaneamente à influência do pensamento biomédico sobre o modo pelo qual se deve tratar o corpo e as doenças, há um limite para esta determinação. Este limite é o que prende o ser humano a sua história, ao seu tempo, as suas vivências. É neste tempo ontológico, tanto transcorrido no processo biológico como histórico, que o ser humano se localiza no limiar de suas qualidades como sujeito e objeto e que o prende o a sua condição de ser dotado não apenas de um corpo, mas de corporeidade.

## Referências

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

DIXON-WOODS, Mary; SEALE, Clive; YOUNG, Bridget; FINDLAY, Michelle; HENEY, David. **Representing childhood cancer**: accounts from newspapers and parents. *Sociology of Health & Illness*, vol. 25 n. 2, 2003( 143–164).

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

FURLAN, Reinaldo. A noção de “comportamento” na filosofia de Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 383-400, 2000.

GIBSON. James J. *Percepción del mundo visual*. Buenos Aires. Ediciones Infinito. 1974.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro. Zahar, 1975.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo, Annablume. 2.ed, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

LANDECKER, Hannah. **Culturing life**: How cells became technology. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires, Nueva Visión, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, SP. Martins Fontes, 1994.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de espelhos**: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo, EDUSP, 1993.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **O terror e a dádiva**. Goiânia-Brasília. Editoras Cãnone e Vieira, v.1. 200 p. 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo, editora Unesp, 1996.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas, Papyrus, 1991.

VILACA, Aparecida. **O que significa tornar-se outro?** Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 44, out. 2000. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092000000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300003&lng=pt&nrm=iso)>.